



SOBRE O PORVIR: INTERPRETAÇÕES DO TEMPO EM ROLLO MAY

On Future: Interpretations of Time in Rollo May

Sobre el Futuro: Interpretaciones del Tiempo en Rollo May

CARLOS ROGER SALES DA PONTE *
(UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ, CAMPUS SOBRAL)

Resumo: Entre os muitos temas abordados por Rollo May (1909-1994), expoente estadunidense da Psicologia Existencial, encontra-se o tempo como experiência existencial e subjetiva; isto é, a temporalidade como espaço de organização da própria subjetividade do humano, dando ênfase na capacidade contínua deste mesmo humano de extrapolar seu “presente” criando novas significações em direção ao “futuro”. Neste breve estudo pretende-se expor um certo “conjunto de pensamentos” em que se mesclam tanto uma apresentação da perspectiva de May a respeito do tempo, o qual incide na questão do “futuro” como um fio condutor fundamental para o tecido mesmo da atividade psíquica humana (quer se trate de condições ditas “normais”, como as que são designadas como “transtorno”) e horizonte de sua existência; assim como algumas interpretações, a partir da ótica proporcionada por May, de algumas sintomáticas e adoecidas expressões de como o humano tem lidado com o tempo na atualidade.

Palavras-chave: Rollo May; Temporalidade; “Futuro”; Psicologia Existencial.

Abstract: Among the many themes addressed by Rollo May (1909-1994), American exponent of Existential Psychology, time is considered an existential and subjective experience; temporality as the organizational space of human subjectivity itself, emphasizing human's continuous ability to extrapolate his “present” by creating new meanings toward the “future.” In this brief study, it is exposed a certain “set of thoughts”: a presentation of May's perspective about time, which focuses on the subject of “future” as a fundamental guiding thread for the psychic activity (whether in terms of “normal” conditions, or those referred as “disorders”) and furthermore, the horizon of its existence. Besides that, some interpretations, based on the viewpoint provided by May, of some symptomatic and sickened expressions of how the human has dealt with the present time.

Keywords: Rollo May; Temporality; “Future”; Existential Psychology.

Resumen: Entre los muchos temas abordados por Rollo May (1909-1994), un exponente estadounidense de la psicología existencial, está el tiempo como una experiencia existencial y subjetiva; es decir, la temporalidad como espacio de organización de la subjetividad humana misma, enfatizando la capacidad continua del mismo humano para extrapolar su “presente” creando nuevos significados hacia el “futuro”. Este breve estudio pretende exponer un cierto “conjunto de pensamientos” en el que se mezcla una presentación de la perspectiva del tiempo de May, que se centra en la cuestión del “futuro” como un hilo fundamental para el tejido mismo de la actividad psíquica humana (si se llama condiciones “normales”, como las denominadas “trastorno”) y el horizonte de su existencia; así como algunas interpretaciones, desde la perspectiva proporcionada por May, de algunas expresiones sintomáticas y enfermas de cómo el humano ha manejado el tiempo hoy.

Palabras-clave: Rollo May; Temporalidad; “Futuro”; Psicología existencial.

* Psicólogo; Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (Campus de Sobral). Endereço Institucional: Rua Coronel Estandislau Frota, 563. Centro. CEP 62010-560. Sobral. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5779-4786>; Email: jardimphilo@yahoo.com.br



Quando se percorre as páginas da sua obra, *A Descoberta do Ser* (1993), Rollo May (1909-1994), um dos fundadores do movimento humanista em psicologia nos fins dos anos 1950 nos EUA, é possível perceber com muita clareza, em suas considerações teórico-clínicas, as influências dos aportes em psicologia e psiquiatria de cunho fenomenológico e existencial de origens e desenvolvimento europeus¹. Fica evidente também que aquelas influências são, em verdade, reinterpretações, releituras de May para o contexto estadunidense em termos de recepção daquelas psicologias. Portanto, é digno de nota a presença de vários pensadores de perfil existencial (e May ora faz menção ou cita obras destes), tais como Sartre, Heidegger, Jaspers ou mesmo Nietzsche. Por conta deste contato íntimo com diversas filosofias da existência, muitos temas tratados por May na obra acima mencionada, sobretudo quando ele se detém nas “contribuições à terapia” de sua psicologia existencial (May (1974) fala inclusive de uma psicologia “existencial-humanista”), são decorrentes daquelas reflexões filosóficas.

Entre os problemas aos quais May se debruça, encontramos o *tempo*. Todavia, uma nota se faz necessária antes de prosseguir: May não se demora em considerações do que poderia ser o tempo “em si”, sua “natureza” ou algo semelhante. Porém, o eminente psicólogo vê o tempo como *experiência* no contexto do existir histórico do humano. Sustenta que a organização psíquica humana e suas vivências estão ancoradas na dimensão do tempo.

Sem intenções de profundos mergulhos neste tema já explorado por tantos pensadores ao longo da tradição filosófica, descendo mais ao terreno da vivência histórica do humano, neste breve estudo (tomando as considerações de May como fio condutor) o tempo não aparecerá aqui como uma entidade “física” ou ontológico-natural anterior/externa ao humano; porém, enquanto ambiência experiencial que o humano realiza na sua lida com as coisas ao seu redor e consigo mesmo enquanto corpo vivido, uma vez que ele mesmo, o humano, também é uma coisa entre coisas, e está submetido ao tempo. Mais ainda, o humano é uma história em efetuação; a temporalidade lhe concerne.

Com os personagens colocados em cena, explanarei neste breve estudo um certo “conjunto de pensamentos” em que se mesclam tanto uma apresentação da perspectiva de May a respeito do tempo, a qual incide na questão do “futuro” como um fio condutor fundamental para o tecido mesmo da atividade psíquica (tanto em condições ditas “normais” com aquelas em que o humano encontra-se em “transtorno”) e horizonte da existência a sentir suas influências nos dimensionamentos que o humano constrói do “passado” na concentração do “presente”, assim como algumas interpretações, a partir da ótica proporcionada por May, dos modos como o humano tem lidado com o tempo na atualidade os quais tem-se configurado como “adoecedores”.

Tempo e Constituição Subjetiva

May, seguindo a trajetória de seu pensamento existencial, advoga que a existência humana é um contínuo acontecimento que se dá *no tempo* e que essa perspectiva está em acordo com os terapeutas existenciais europeus, pois estes “propõem uma psicologia literalmente do *sendo* ao contrário do ‘é’ ou do ‘foi’ ou de categorias estáticas” (May, 1993 p.149). Em outras palavras, o humano, por ser histórico, é um ente que se realiza no tempo, onde encontra a inconstância, a impermanência mesma do devir que, por seu modo próprio se escoa, inexoravelmente, em direção àquilo que se chama de *futuro*. Portanto, pensar o humano por categorias supostamente “estáticas”, seria incorrer no perigo de se promover incoerências conceituais que não perceberiam o caráter mutável do humano, fruto de sua historicidade.

Quanto ao “futuro”, ponto de grande importância neste estudo, é concebido por May como pedra angular para a compreensão do tempo na experiência e constituição da subjetividade, sobretudo quando o humano está a se (re)dimensionar (em relação ao futuro) em algum tipo de situação que dele demande tais (re)significações como são, por exemplo, as diversas propostas psicoterapêuticas à sua disposição. Quer seja percebido como uma fonte de sufocantes angústias ou então como reposicionamento possível da existência, o futuro segue como um balizador fulcral para a conformação da subjetividade. E falar/descrever acerca da “subjetividade” poderia ser mais ou menos assim: ela seria constituída de formações de significados constantemente móveis e que se (re)fazem em seus modos de ser próprios, atravessados pelo contexto histórico e cultural em dado momento. Uma tal conformação em curso faz com que compreendamos, também, a subjetividade “como o modo de organizar as experiências do cotidiano, os universos de sensações e representações” (Araújo, 2002, p.81). Dito de outro modo, o humano é um ente o qual pensa/sente/atua em seu meio e é transformado por ele. Logo, se está em curso; cambiante; em trânsito; não está pronto. Seguindo ainda Araújo (2002), nem mesmo aquilo que nomeamos como subjetividade fica isento desse apanágio, pois

¹ O artigo de [Ponte](#) e [Sousa](#) (2011) disserta, ainda que em nível introdutório, acerca da contribuição de May para a Psicologia Existencial estadunidense e as mútuas repercussões entre ela e a Psicologia Humanista.



(...) a subjetividade, como *ethos*, será então o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais; será o território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas tal como elas vão se surgindo. Sob nosso ponto de vista, esse significado se constitui junto com a própria produção da experiência cotidiana. A subjetividade se engendra no social e, o tempo todo, mantém com ele relações recíprocas de mútua constituição. (Araújo, 2002, p.82)

A subjetividade não é uma coisificação de “algo” inerente ao humano, mas se põe e repõe constantemente no jogo do devir. Longe de ser a sede de uma identidade perfeitamente clara e luminosa que “diz quem seríamos”, a conformação subjetiva, se prestarmos atenção, nos joga no rosto que vive em nós uma obscuridade e uma opacidade deveras incômodas uma vez que o porvir não está posto. Nem nunca estará. Talvez venha daí, também, a sede de sentido que de vez em quando nos assola e aperreia. Tal perspectiva aponta diretamente para a mobilidade do modo de ser do humano, confrontando-o com o mistério e a solicitação do existir, como que intimando-o a criar sentidos a este ser flutuante que é. E num contexto cultural como o nosso em que vigem relações e significações incrivelmente móveis e rapidamente evanescentes, também as expectativas em torno do porvir sofrem modificações, como se verá mais à frente.

Por este prisma, o humano parece ser o único vivente capaz de temporalizar em demasia, extrapolando muito o tempo presente, movendo-se tanto para o passado quanto para o futuro, reunindo-os num todo significativo que lhe seja mais ou menos coerente, e dando-lhe exatamente a noção de ter/ser uma *história*. Por outros termos, se a existência é esse contínuo emergir; um devir; logo, o ponto no qual devemos dar atenção é o porvir; o futuro. Bem entendido: não como aquilo que “não aconteceu” e que estaria somente no reino da imaginação dos possíveis, ou como um conjunto de supostos “eventos” os quais se poderiam, por alguma “vidência”, prever. Não. O futuro funcionaria, antes, como projeto que repercute no *presente* incitando ao movimento, e auxiliando a dimensionar o *passado* constituindo significados rebatendo no presente e no futuro mesmo. Essa “categorização” (termo inapropriado na falta de outro melhor), que corresponde à divisão usual do tempo, é experiencial e fluida, ainda que nítida para o próprio humano que as reúne em tramas muito particulares em seu existir.

Tal é a importância de se prestar atenção ao *futuro como protensão* que se reúne em um horizonte, tal como o faz o paciente na clínica a oscilar entre o presente e o passado, incitando-o em expectativas do porvir. Ou seja, protensão que nos abarca e nos atravessa na vivência mobilizada do aqui-agora.

Isso leva a consequências de interesse: o momento presente (supondo o humano em processo terapêutico ou analítico) pode e deve ser *ampliado em relação ao tempo* como um todo, onde este paciente, às vezes, num movimento de idas e vindas em seu discurso (porque é disso que se trata na clínica e que mostra sua essência mais íntima: narrativas produzidas pelo humano sobre si mesmo e para si mesmo através da performatividade da linguagem) vai conformando a subjetividade (May diria, sua *autoconsciência*) que este humano é: onde o “eu sou” que provém continuamente (passado) é mesclado ao “estou sendo” (presente), a partir dos projetos próprios de um porvir (futuro). Em termos mais diretos: o futuro influencia, repercute no presente.

Assim, embora a psicoterapia se dê no momento presente do humano, *memória e possibilidades* existenciais entram no amálgama de sua conformação. Resulta, inclusive, na conclusão de que não se deve cair no erro, durante a condução clínica, de se focar obsessivamente no aqui-agora, como se apenas este momento contasse mais no processo terapêutico. Não se lida nem com “problemas” (fazendo aqui uma alusão a Rogers); também não propriamente com uma “pessoa” em si. Muito mais abrangente: tem-se diante do terapeuta uma *história* que, por várias intercorrências, encontra-se mais ou menos fragmentada trazendo ao humano o sentimento de que se perdeu no caminho, sem saber o porquê ou como. Precisar restaurar ou criar outros significados para continuar existindo (seu devir) com algum sentido.

Ainda seguindo as indicações de May (e observando um quadro por assim dizer “normal” ou “típico”), a capacidade de temporalizar em demasia, conforme dito mais atrás, que configura a existência concreta e subjetiva como história em ato, é de tal monta que o humano a experiencia como uma conjunção de momentos “protentivos” os quais, para ele, são mais ou menos discerníveis na divisão vulgar do tempo. Entretanto, se tivermos em vista um transtorno psíquico, seja ele qual for e sem ainda levar em conta suas especificidades, ele se caracterizaria pela desorganização daquela conjunção temporal: o tempo subsiste *desagregado*, permanecendo *estático* em algum daqueles momentos e por ali se fixando. Em geral, o humano em transtorno parece estar, por vezes, “congelado” em relação ao *futuro* como uma expectativa vazia de sentido, dissociando-o do *continuum* temporal restante. A partir dessas colocações sobre o tempo na subjetividade, como May explicita isso?

A Compreensão de May sobre o Tempo

Explorando a semântica do termo *transcender*, May (1993) nos informa que este termo “descreve aquilo que todo ser humano está empenhado em fazer a cada instante quando não se encontra seriamente doente ou perturbado temporariamente pelo desespero ou pela ansiedade [angústia]” (p.157). May está se referindo

² Em vez de usar o termo “ansiedade” (muito comum nas traduções brasileiras das obras de May), optei pela palavra “angústia”, por me



a já mencionada capacidade humana de expandir-se para além do tempo presente transitando em direção ao futuro, criando para si perspectivas. Dito isso, se, por quaisquer motivos na história de um humano, esse trânsito se encontra obstruído ou impedido, aquele se sente tolhido em seu existir, estagnando-se em repetições fixas, dando voltas e voltas que nada lhe trazem de novo em seu viver.

Comentando acerca de ex-combatentes que foram lesionados no cérebro nos campos de batalha da I Guerra Mundial e que estavam sob os cuidados de Kurt Goldstein, May nos diz que este percebeu que os pacientes “caracterizavam-se pela perda da esfera das possibilidades. Seu espaço no mundo sofrera uma retração, seu tempo fora retalhado, e consequentemente sofriam pela perda radical de liberdade” (May, 1993, p.159). Indo para além de humanos com lesões cerebrais, os quais de resto provavelmente seriam uma raridade de pacientes comumente atendidos por nós na clínica psicológica, essas reflexões de May são pertinentes, pois indicam que, quando o humano se encontra com comprometimento nessa capacidade de abstração de lidar com os possíveis (“eu posso?”, “eu poderia?”, “eu poderei?”), em igual medida fica comprometido o exercício da liberdade como poder-escolher perante as circunstâncias e solicitações objetivas, cotidianas; em suas contingências existenciais.

A história de vida de alguém é um tecido cuja firmeza e maleabilidade são fascinantes: não se trata aqui “destino”, mas da *destinação* do humano a se confrontar com o ter de escolher. *Precisa* escolher; cumprir a pena que o seu estar jogado-no-mundo lhe condenou: a tão conhecida penalidade da liberdade sentenciada por Sartre a qual implica em assumir a cada escolha, as possibilidades contidas no futuro em meio a esta vida a lhe parecer, ora estranha, ora familiar, ora absurda. Assumir o futuro (in)certo com luzes cintilantes e sombras opressoras que ele carrega.

Seja em transtornos depressivos ou quadros ansiosos³³, a experiência do tempo se encontra *desconectada* entre suas partes constituintes e os significados do ciclo vital estão “perdidos” não fazendo sentido algum. A memória, este processo psicológico que é o suporte incontornável de nossa identidade e história, está severamente comprometida. Numa imagem meio tosca, é como se o humano em sofrimento estivesse “amnésico” do que *foi*, meio anestesiado em seu *sendo*, e angustiado quanto à dimensão do *seria*, agora reduzido a mínguas escolhas sentidas como nada atraentes. Numa palavra, *o humano perde seu sentido histórico*, contando com bem pouco para dar para dar razões de existir que, em outras circunstâncias mais saudáveis, seria um projetar-se ao futuro. Seu “futuro do pretérito”, o que seria? Ele já não consegue fazer essa simples pergunta. E sobre isso, Cancelli (1991), numa interpretação lastrada na *Daseinanalyse*, diz que o “futuro do pretérito é o preço pago pelo homem por ter memória, por viver em sociedade e poder comparar suas atitudes com as dos outros, por participar (querendo ou não!) de projetos comuns, em suma: por ter história” (p. 69).

O humano, lastrado e guiado por seus valores morais odeia a inconstância que é. “Tecnizar” e “manipular” o tempo com afazeres mil e metas de “aperfeiçoamento”, os quais também eles, são modelos “estancos” de vida não deixa de uma tentativa de tapar o sol com a peneira: “domar” o tempo a seu favor. E mesmo essa “peneira”, o humano ainda usa seus “óculos escuros”: perspectivas obscurecedoras do existir que aos poucos instauram afetos (os reúne, na verdade) ensombrecidos ao ponto do inconformismo tornado doença (ansiedade, formas coletivas intolerância, depressão, violência simbólica, exibicionismo virtual, relações tóxicas/abusivas, desinteresse com o meio ambiente, aumento de casos de suicídios, etc.), frutos amargos e adoecidos da modernidade em que o humano não assumiu ainda em lidar com o drama de seu existir, emaranhando presente e futuro não conseguindo transitar de um para outro. Ainda que Mosé (2018) diga com razão, que “foi a modernidade que construiu o futuro, este novo modo de negar o presente, de desvalorizar o instante e a vida em nome de uma vida melhor, de uma vida feliz” (p. 66-67), como se somente em outro momento o humano estaria pleno em detrimento do seu aqui-agora, no limite percebemos, por outro lado, que o futuro encontra-se obstruído como campo dos possíveis e o presente (o qual parece deter maior valor para o humano), se transforma numa arena do desespero, pois não é menos obscuro, posto que temos pouco controle sobre ele. Em suma, a vida se pega em exaustão.

Aludindo ao processo psicoterapêutico, May (1993) sugere que “se pudermos ajudar o paciente em estado de ansiedade ou depressão profunda a fixar-se em algum momento do futuro, quando estiver *fora* de sua ansiedade ou depressão [isto é, quando não está em crise], já teremos meio caminho andado” (p.148). “Meio caminho” é um otimismo meio exagerado da parte de May. Porém, não é irreal, posto que se trata de proporcionar um ambiente acolhedor munido de uma escuta compreensiva, no qual o paciente possa enfrentar os elementos de seu sofrer presente, manuseando-os em seus significados atuais, imaginando-se num “talvez”, para além deste presente, em que os sentidos constituídos por este igualmente doloroso exercício de encarar o sofrer, possam lhe proporcionar uma existência que segue adiante sem aquilo que “doloria” ou lidando por

parecer que ela responde melhor aos argumentos que May apresenta acerca deste fenômeno, alinhando-se de modo mais condizente ao seu pensamento existencial-humanista. Para o interessado nesta temática (angústia), aponto alguns textos de May, a saber: “O fator ontológico da ansiedade e da culpa” (que figura no livro *A Descoberta do Ser*); o capítulo “Ansiedade e Valores” (que se encontra no livro *Psicologia e Dilema Humano* (1977); e o livro que foi o seu doutoramento, *O Significado da Ansiedade* (1980). Para uma explanação mais breve do mesmo tema, cf. Ponte (2013).

³³ Depressão e ansiedade são os exemplos que May traz para ilustrar suas teses. Porém, o mesmo poderia ser expandido para situações de grande desorganização psicológica, tais como a bipolaridade, por exemplo, onde o humano em transtorno, quando está em sua fase melancólica se encontra preso no que “passou”; e na fase maníaca ele se está ancorado demasiadamente no presente (Dias, Menezes & Ponte, 2018). Para uma compreensão mais abrangente da questão do tempo no transtorno bipolar, remeto ao artigo de [Moreira](#) e Bloc (2012).



outras formas/escolhas com o que ainda dói, amarrando uma teia de significações que lhe façam sentido.

May (1993) colige estas reflexões e chega a atestar que “os terapeutas existenciais observaram também que as experiências psicológicas mais profundas são, peculiarmente, aquelas que abalam a relação do indivíduo com o tempo. A ansiedade grave e a depressão apagam o tempo, aniquilam o futuro” (p.151). A ideia diretriz aqui é retomar o futuro como projeto, como prospectiva. Isso implica num esforço de reconectar com a atualidade vivida e a história pregressa do humano. Numa palavra, o humano assumir o devir que ele mesmo é. Algo com implicações na imagem mesma que comumente o humano faz de si.

Mas, é claro, essa assunção ao futuro passa por uma restauração de valores que refazem a imagem da vida no seu presente proporcionada por perguntas do tipo: “como gostaria de viver uma vida que valeria a pena viver?”. Eis uma inquirição imaginativa que reverbera, ricocheteia no presente como pergunta, como questão da qual é difícil se desviar. Uma inquirição acerca da atualidade do humano a ser (re)cortada e (re) posicionada. Logo, é justo dizer que o presente (e mesmo o passado) quando colocado em xeque, é obra que vem de um projeto, de uma intimação, de um convite que vem do futuro.

Claro está para May que as “experiências psicológicas mais profundas” não dizem respeito necessariamente e sempre a quadros de transtornos psíquicos, senão aquelas outras experiências que atravessam a subjetividade, posto que a temporalidade seja incrivelmente maleável e funciona ao sabor dos afetos, pensamentos e a imaginação do humano. A atividade artística, por exemplo, nos comprova esse poder humano e suas manifestações, sobretudo literárias (romances, novelas ou contos), em lidar com o tempo pelo simples fato de contar uma história⁴⁴. Ainda assim, o humano, “desde que possua autoconsciência e não se encontre incapacitado pela ansiedade ou alguma forma de rigidez neurótica, encontra-se permanentemente e processo dinâmico de autoconhecimento, investigando incessantemente, moldando a si próprio e movendo-se rumo ao futuro” (May, 1993, p.153).

E já que “toda experiência possui um caráter histórico” (May, 1993, p.153), isto é, encontra-se numa condição mínima de representação na história efetiva, o humano não está “de fora” do processo que ele mesmo é. Esse transcender a imediatidade do viver jogando-se em suas protensões implica a autoconsciência do humano: a presença de si para si mesmo em dado momento que dispõe um deslocar de perspectivas que é o “modo de comportamento em que a pessoa vê a si própria como sujeito e objeto” (p. 161), desenhando possibilidades somente ansiadas, pelo menos por enquanto; pois uma vez que pensar o futuro é pensar o tempo (não são instâncias estanques que se comunicam), surge diante de nós que isso é sinônimo de pensar a vida em seu curso e a pluralidade de cursos possíveis.

Tal “transcendência” é fruto do modo de ser de linguagem do humano que lhe intima a criar, abstrair, contar a própria história como algo em andamento e poder se reconhecer nesse processo que sustenta uma cambiante identidade. May (1993) é enfático ao dizer que a “capacidade do ser humano de transcender a situação imediata é discernível no âmago da experiência humana e não pode ser contornada ou esquecida sem distorcer ou tornar irreal e indefinido o quadro que a pessoa faz de si mesma” (p. 162). O autor aponta que não se trata meramente de uma consciência de si, mas de um expandir-se significativo e narrativo onde o humano se reconhece, se assume e se responsabiliza da narração de si como “mundo histórico” em curso, buscando talvez, mais mundo.

Palavras finais

Se o humano difere de outras espécies animais, esse diferencial está em movimentar-se no tempo que ele é e vai se fazendo. May diz que essa qualidade está na base da liberdade. Se pensarmos no setting terapêutico (que é, não raro, um lugar relativamente pequeno no espaço) como uma ambiência em que os pacientes apreendem, pouco a pouco, sua capacidade de imaginação ao lançarem-se em alargamentos de conjecturas, planos, projetos, anseios, queres, todos estes voltados para o futuro, *eles podem vir a trançar tais imagens com o presente e resignificando o passado*, pois “tudo depende da estrutura de nossa imaginação diante das possibilidades de transcender – isto é, de expor nossos objetivos diante de nós” (May, 1993, p.164). Atendo-me à possibilidade de que na minha imaginação sou livre para me experimentar hoje, tudo o que *poderia ser/ acontecer: exercendo um futuro do pretérito* que chamo de *meu*, tecendo outras formas de subjetivação nestes tempos mais hiperconectados e acelerados de experiências nos atingindo e maior número e impacto. Nestas novas constituições subjetivas, Araújo (2002) a testa, em sua própria experiência em psicologia clínica, que “a emergência da ultravelocidade” (p. 82), tem engendrado

⁴⁴ Veja-se, a título de exemplo, A morte de Ivan Ilitch, de Tolstói, onde o protagonista, atravessado por uma doença que lhe proporciona dores atrozes e irá lhe consumir a vida, põe-se a rememorar toda sua existência e o que nela fazia sentido ou não para ele (e os valores pessoais ou coletivos aí incluídos) que via, a passos largos, a morte se aproximando. Ivan, como qualquer humano, ponderava acerca do futuro, transitando do presente para o passado mais longínquo, desejando ardentemente que o futuro lhe fosse outro. A personagem contorcia-se ao ponto do desespero nessas conjecturas porque o peso da morte lhe era inevitável (e Tolstói é exímio nessas descrições!). Outro exemplo literário é a primeira página do livro O Filho de Mil Homens, de Valter Hugo Mãe. O protagonista, Crisóstomo, sente uma profunda tristeza ao constatar que, com 40 anos de idade, não tinha filhos; e por isso, sentia como se lhe faltasse a metade de tudo no mundo e em si mesmo. A vida, em sua continuidade, lhe chegava incompleta e sem sentido sem a presença de uma prole (sinal vivo de um “futuro”). A finitude é um forte ingrediente que tanto pode paralisar a existência ou pode lhe inculcar um movimento vivo e criativo. Quais perspectivas valorativas estão em jogo no que concerne à morte é uma pergunta válida nestas considerações sobre o tempo.



(...) desestabilizações nas subjetividades que precisam, periodicamente, reinventar novas maneiras de existência para poder interagir com os diversos universos, de forma a organizar suas sensações e experiências, com alguma harmonia, enfrentando o medo do despedaçamento. A força e intensidade das sensações do universo das subjetividades transformam-se ao longo da existência e produzem sensações novas, às vezes imprevisíveis, indizíveis, incapazes de serem traduzidas (Araújo, 2002, p. 82).

É claro, o humano só se abre ante o tempo como experiência que lhe concerne intimamente, porque se reconhece, ainda que muito a contragosto, como um ser, não só em processo, mas também mortal. E essa finitude abrange todo o horizonte de seus sentidos possíveis, posto que nenhum lhe esteja dado a priori. E se não há nada que tenha sido apresentado ao humano para que possa dar rumos à própria existência, *precisa fazê-lo por si mesmo*. Este é o nosso apanágio e abertura a todo nosso “poderia”, ainda que, eventualmente e ocasionalmente, estejamos destinados a morrer. E como nos lembra Nietzsche (1978), sem rodeios e bem cruel,

(...) para que está aí o “mundo”, para que está aí a “humanidade” – isso por enquanto não deve nos afligir, a não ser que queiramos fazer uma piada: pois a o atrevimento do pequeno verme humano é o que há de mais jocoso e de mais hilariante sobre o palco terrestre; mas para que tu, indivíduo, estás aí? – isso eu te pergunto, e, se ninguém te pode dizê-lo, tenta apenas uma vez legitimar o sentido de tua existência como que *a posteriori*, propondo tu a ti mesmo um fim, um alvo, um “para quê”, um alto e nobre “para quê” (p. 70).

Referências

- Araújo, M. G. C. (2002). Subjetividade, crise e narratividade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza. 2(1), 79-91. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000100007
- Cancello, L. A. G. (1991). *O fio das palavras: um estudo de psicoterapia existencial*. São Paulo: Summus.
- Dias, D. C. S.; Menezes, D. K. L. & Ponte, C. R. S. (2018). Humanismo no tratamento do transtorno bipolar. In: Fábio Gomes de Matos e Souza (Org). *Transtorno Bipolar: conceitos clínicos e abordagens terapêuticas* (pp.253-258) Fortaleza: Premius.
- May, R. (1974) (Org.). *Psicologia existencial*. Porto Alegre: Globo. (Originalmente publicado em 1960).
- May, R. (1977). *Psicologia e dilema humano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Originalmente publicado em 1967).
- May, R. (1980). *O significado da ansiedade: as causas da integração e desintegração da personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Originalmente publicado em 1977).
- May, R. (1993). *A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial*. Rio de Janeiro: Rocco. (Originalmente publicado em 1983).
- Moreira, V. & Bloc, L. (2012). Fenomenologia do tempo vivido no transtorno bipolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 28(4), 443-450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000400005>
- Mosé, V. (2018). *Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- Nietzsche, F. (1978). *Segunda consideração extemporânea: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Em: Obras Incompletas. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural. Col. Os Pensadores.
- Ponte, C. R. S. (2013). Reflexões sobre angústia em Rollo May. *Rev. NUFEN*. 5(1), 57-63. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100007
- Ponte, C. R. S. & Sousa, H. L. (2011). Reflexões críticas acerca da psicologia existencial de Rollo May. *Rev. Abordagem Gestáltica*. 17(1), 47-58. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100008

Recebido em 26.10.2019 – Primeira Decisão Editorial em 23.01.2020 – Aceito em 13.03.2020